

PQ9016
.C353

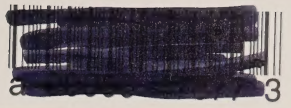
ASPECTOS DA LITERATURA
PORTUGUESA

**THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL**



**ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES**

PQ9016
.C353





Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

As to prof. John U. Fein

com 3 affected a
esting e as
homogeneous

de

(annexed)

L 0000

1 May, 1848

ASPECTOS
DA
LITERATURA PORTUGUESA

DOS AUTORES

EDIÇÕES “ARTE”

I — Vera Vergani.

II — Cidades Antigas, Terras Mortas.

III — Aspectos da Literatura Portuguesa.

EM PREPARAÇÃO:

IV — Lisboa do prazer e do vício.

V — Lisboa do Povo e do Trabalho.

C
bmh
PQ 9016
.C353

Aspectos da literatura portuguesa

POR
CÂMARA REYS

ILUSTRAÇÕES DE
TAGARRO

«SEARA NOVA»

P. LUÍS DE CAMÕES, 46-2.º

LISBOA

MCMXXIX

Tendo-se inaugurado em 25 de Outubro, às 11 horas da manhã, na Biblioteca Nacional de Madrid, a Exposição do Livro Português, com a presença do chefe do Estado e de altas individualidades da literatura e da política espanhola, iniciou-se no dia seguinte, à tarde, na sala da União Ibero-Americana, a série de conferências, realizando Câmara Reys, a primeira, sobre aspectos da literatura portuguesa. Abriu a sessão, discursando sobre o valor do certame e apresentando o conferente, o sr. Marquês de Figueroa, presidente da Comissão Executiva da Exposição, em Madrid. Damos a seguir um resumo das suas amáveis palavras:

APRESENTAÇÃO

Muy pocas palabras (necesarias algunas) ante todo tienen de ser congratulación, felicitación. Al llamamiento del Patronato (forma el de honor nuestras autoridades mayores, en la ciencia, en la literatura, en el arte), cumplida, superabundantemente, ha respondido Portugal.

Valiosa, como lucida, la Exposición, mas es de lo que aparenta; cuanto observen, han de corroborarlo. Muy crecido el número de libros, la calidad, el mérito supera al número. Lo uno y lo otro supone esfuerzo grande; innecesario recordar tantas dificultades, tantos obstaculos a que autores y editores (perseveran, luchan tenaces) han sabido sobreponerse.

Suceso feliz la Exposición, sus consecuencias lo habrán de ser; con empeño procuraremos que lo sean.

Sugieren, evocando, los libros, pero esto no bastára sino se añadiese la presencia, la explicación mediante visita que nos honra de quienes, preciados escritores, criticos selectos, grande su saber, nos van a ofrecer textos vivos, en conferencias y lecciones.

Se adelanta, es primero, desde luego su pre-

sencia prometedora, el Sr. Cámara Reys. En él, saludo a todos. También recordados, los que, al cabo, no han podido venir. Vale la adhesión, por sí muy preciada; tan prestigiosos ell'os; cito, según vienen a mi memoria, a Reynaldo dos Santos, Agostinho de Campos e Gago Coutinho. Las manifestaciones de éste permiten augurar para no lejano momento su venida, con anhelo esperada.

Parece fué ayer cuando aquí, en esta misma sala oímos — señaladisima ocasión — celebrando el centenario de Camões — a Leonardo Coimbra. Otros, antes y después, nos favorecieron; de ellos António Sardinha, el malogrado. Impresión vivísima, queda, imborrable es, la de Eugénio de Castro. Cantan, siguen cantando sus estrofas en nuestros oídos. Fué tribuna de su exposición, de su recitación, aquel inolvidable Ateneo también realzado cuando dió en él lección magistral, vuestro gran Oliveira Martins.

« Há já muitos anos que eu o ouvi — era a minha primeira mocidade. » Desde niño, tuve así afición — que circunstancias familiares facilitaron (estive em Portugal ainda muito criança) — a las lecturas portuguesas, con preferencia la de Herculano e Almeida Garrett. Desde esos días románticos, ¡cuanta la renovación, tanto lo sucedido! ¿Verdad que si reaparecieran, y no solo ellos, también Oliveira Martins — relativamente coetáneo —, tendrían no poco que rectificar?

Preconizaron, practicaron, esos grandes hombres, la relación Peninsular, nuestra relación.

Obliga su recuerdo a los que siguiendoles procurais, mas y mas, anudarla. Para eso, es menester trato íntimo; tacto y contacto. No puede bastar lo ocasional, intermitente; requierese continuidad. Lo que comienza ahora, anteriormente no se dió; obra que, teniendo caracter colectivo, busca asistencia popular. Sin duda (sem dúvida) compartis estos pareceres, muy propios, en su significación y caracter, del Sr. Câmara Reys, profesor, ensayista, narrador, crítico. « Homem muito distinto », sus obras confirman, ahora aquí confirmarán, lo que, con la sola presencia, muestran y pregonan los modos de la natural distincion. El valor y merecimiento de sus observaciones, de sus juicios, le dió, entre los propios, fama, preeminencia, que aquí, ahora mismo, habeis de reconocer y celebrar. Espiritu despierto, lleno de inquietud, anheloso de abrir nuevos surcos, « em novas searas ». « ¿ Não se farão velhas muito cedo? É, geralmente, do nosso tempo andar muito depressa. Também, quando lhe parece, parar ».

Se ha dicho que los conferenciantes lusitanos se proponian usar nuestra castellana lengua. « Teria sido, em todo o caso, uma gentileza, mas inadmissível ». No cabe sea así. Lengua oficial de esta semana, de este ciclo, tiene que ser la vuestra. Queremos os mostreis por completo como sois. Así os hemos de reconocer, mejor admirandoos. Solo el propio hablar expresa lo mas verdadero, lo íntimo del propio sentir. Permitireis, sin embargo, que esforzandome — pecadora la dicción, pero mayor el homenaje — ose emplear vuestra

lengua. Lo requieren las recordaciones en que abundo. De la palabra hablada no me podia fiar; he escrito y leo lo que sin duda sabreis perdonarme.

«Nos tempos que foram mais ditosos para a Península, com glória de Portugal e de Espanha, houve verdadeiras relações de intimidade. Camões faz a linguagem lírica portuguesa e vence a resistência da castelhana língua, emprega-a dando-lhe doçuras. E ¿como não lembrar a prosa de Melo, e o próprio Melo, na sua representação, como na sua aspiração, plenamente portuguesa? Queria êle Portugal inteiramente dono de si.— Por muitas maneiras se deixa de ser dono.

Tão sòmente na prosperidade, se dão as perfeições próprias para aproximar o que separam as decadências. Teem que estar os espíritos nos seus corpos de nação, de modo que sejam, que contem, levando o seu ser, a sua vontade, fortemente acusada, à relação.

Floresce em Portugal uma literatura muito rica; muito diferenciados os seus accidentes. A essência da lusa condição permanece; por isso pode ser tão grande o intercâmbio; unidade, na muita variedade reconhecida; individualidade forte, inconfundível.

Deve essa condição, Portugal, à natureza, à paisagem, pelos contrastes, sobretudo, maviosa.

— «O filho do céu e da paisagem» (1), o luso, tanto como da terra, é do mar. A nossa Península, solo, terra comum; Portugal Oceânico, em-

(1) Teixeira de Pascoaes.

balado pelo mar, fero e inimigo para outros, para Portugal carinhoso. — (A corrente benéfica do golf-stream). — Ali os rigores do mar tornam-se doçuras; Oceano dos sonhos, ainda mais que estes, as realidades que o luso cumpriu.

Para a cavalaria dos Amadis, para essa vossa epopeia, — que o carácter lírico nunca perde, — a terra era pouco, visto que tanto atraía a África, o seu mistério. Maior mistério se descobriria seguindo a navegar pela costa; até tocar, — e não ficar, — na Índia. ; Quanto a Portugal vem, quanto a êle vai, cume atraente da vida peninsular inteira!

Teve de se juntar muita fôrça; sòmente uma inspiração superior valeu para cruzar o mar do sargaço; mais além esperavam países que haviam de ser por nós, que sempre serão por nós, e da mais pura maneira, só pelo facto de falarem as nossas línguas.

O Brasil completa Portugal. Devem pelo menos citar-se os livros do Brasil. Seria muito interessante realizardes vós, em Lisboa, uma Exposição Brasileira do livro."

La Sociedad que nos reúne, — nuestra y vuestra, — atiende a fomentar la relación, entre los que tienen tanto de común.

Es en América donde podemos sentirnos mas grandes. A distancia, por la perspectiva vemos e consideramonos mejor.

" Agora estamos dispostos a ouvir os vossos ensinamentos magistrais. Pela minha parte, tenho dito."

CONFERÊNCIA

SEJA-ME permitido, em nome dos conferentes e da Comissão executiva de Lisboa, dizer a VV. Ex.^{as} a nossa agradabilíssima surpresa pelo penhorante trabalho da Comissão executiva de Madrid e pela impressionante solenidade que revestiu a inauguração de ontem, da Exposição do Livro Português em Madrid, com a presença honrosa do Chefe da Nação e das mais altas individualidades oficiais e particulares. E creio que não representará melindre para ninguém destacar, com os nomes ilustres dos senhores Marquês de Figueroa, Sangróniz e Giménez-Caballero, a figura amiga do sr. Lasso de la Vega, que, numa acção modesta, silenciosa, cheia de sacrifício, consagrou um enorme esforço a esta bela obra de aproximação espiritual.

Ao senhor Marquês de Figueroa agradeço as suas palavras generosas, que não me atrevo a tomar como uma homenagem pessoal, mas como um grato reflexo da simpatia que lhe merece a minha pátria. Comoveu-me profundamente a evocação dos grandes mestres da minha língua, que o foram também da sua mocidade estudiosa, e dos conferentes portugueses, de Oliveira Martins a Leonardo Coimbra, Eugénio de Castro e ao sau-

doso António Sardinha, que teem vindo a Madrid, como nós, trazer uma parcela do seu coração e do seu saber. E mais que tudo, ainda, o ter afirmado que nestas conferências só o português deve ser falado, dando-nos o exemplo cavalheiroso de compor e pronunciar no idioma lusitano as amáveis palavras com que fechou a sua saudação.

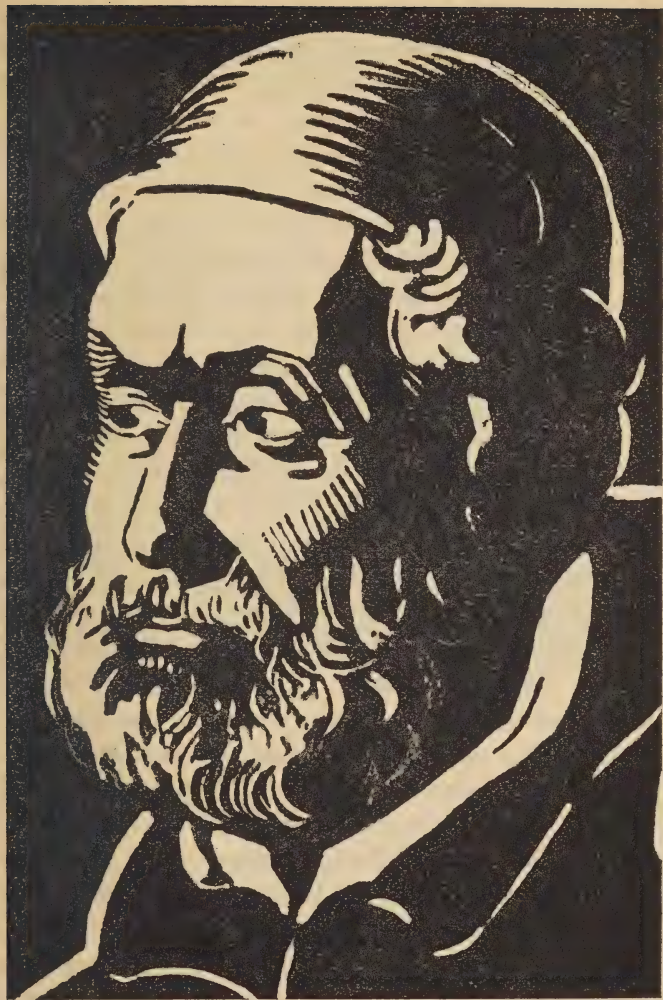
*

*

*

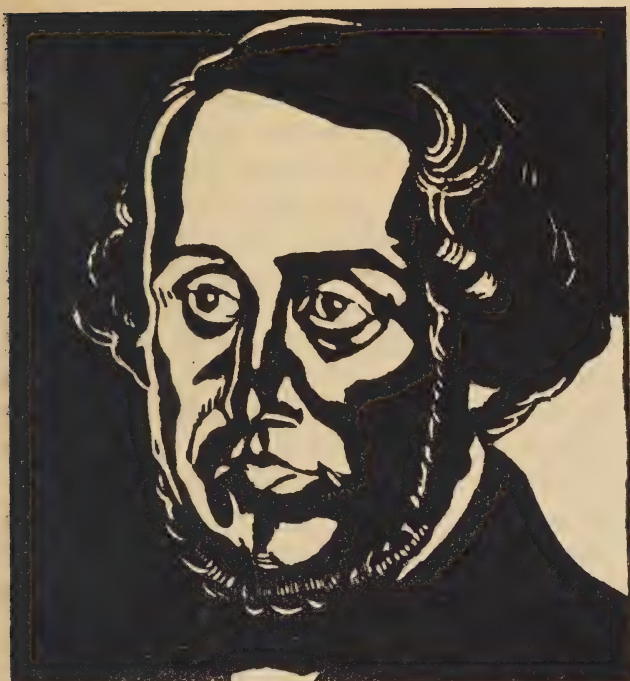
Tendo de substituir, à última hora, um conferente ilustre, que traria a esta sala a evocação brilhante, num vasto quadro, da literatura portuguesa; falando a um auditório muito culto, e exprimindo-me numa língua, embora irmã da castelhana, mas para vós difícil de compreender; não me alheando do propósito que aqui nos reúne e que nos evoca a actividade literária de Portugal no primeiro quartel do século xx — julguei dever limitar a pouco mais de meia hora o que tivesse de vos dizer, escolhendo algumas figuras essenciais e típicas, na literatura contemporânea, com que as traduções vos teem familiarizado.

Se tal não fôsse o meu intuito, poderia ensaiar um brevíssimo escôrço da língua e literatura medievais, lembrar-vos como a dura linguagem dos cronicos se depurou e enriqueceu num milénio, balbuciando, ainda na ganga obscura duma syntaxe informe, nos traslados das escrituras, nos forais, cartas de alforria dos povos, nos cantares de amor e de amigo dos troveiros, e, sucessivamente,



na fragância poderosa e ingénua de Fernão Lopes, na métrica já disciplinada do *Cancioneiro* de Resende, na prosa e na poesia épica dos quinhen-

tistas, período mais que todos glorioso, em que, por entre as galhofeiras risadas vicentinas e da mole majestosa das crónicas, dos roteiros, das narrativas trágico-marítimas, se alteia o padrão incomparável dos *Lusiadas*; relembrando a tão discutida coorte seiscentista, do génio verbal de Vieira à finura subtil do nosso comum Francisco Manuel de Melo e do místico Bernardes; passando pelos árcades e os historiadores do século XVIII, esquecendo dezenas de nomes, tocando de leve problemas atraentes de historiografia e de literatura comparada, e detendo-me no inteligentíssimo século XIX, dos românticos aos da escola de Coimbra, o áspero e formidável Herculano, Garrett, precursor, na prosa, de Eça de Queirós, Camilo, cujo génio sarcástico o autor do *Crime do Padre Amaro* comparou ao do grande Quevedo, e sobretudo a geração ilustre em que entronca tódia a literatura portuguesa contemporânea: Junqueiro, o grande satírico; Gomes Leal, o poeta irregular, mas estupendo, da *História de Jesus*, das *Claridades do Sul* e da *Mulher de Luto*; Braga, tão injustamente depreciado e cuja obra irregular atravança o limiar do século XX; o saudável Ramalho, das *Farpas*, da *Holanda*, do *Culto da Arte e da Natureza em Portugal*; Oliveira Martins, em cuja prosa magnífica há pouco Valery Larbaud sentiu, deslumbrado, o colorido oriental e os perfumes estranhos da Insulândia; Antero, o maior poeta português depois de Camões, romântico enamorado do Amor, da Liberdade e da Morte; João de Deus, em cujo *Campo de Flores*, por vezes tão desiguais no colo-



rindo e na forma, se pode colher uma dúzia de deslumbrantes obras-primas, do mais puro e suave lirismo amoroso; Cesário Verde, o poeta baudelaireano das imagens bizarras e mordentes; e Eça de Queirós, esse grande mestre da observação e do humorismo, em que nós, e vós, e toda a América do Sul reconhecemos uma das mais altas labaredas da imperecível chama latina e cujos livros tem sido, em Portugal, o perigoso devocionário das gerações de 1900 para cá.

Poderia, seguindo outro rumo, mas creio que muito fora do intuito que aqui nos reúne, agru-

par, em volta duma grande figura, os maiores valores duma época. Ou, se para tanto me sobrasse o atrevimento e o tempo, embrenhar-me audaciosamente nalguns problemas delicados e interessantíssimos, como o dos Amadis, a unidade ou dualidade vicentina, a origem comum do *Fidalgo Aprendiz* e do *Bourgeois Gentilhomme*, a autoria das *Cartas* da Religiosa portuguesa. Ou ainda, tomando para tema alguns géneros essenciais, mostrar, por exemplo, como e porquê as obras de Camões, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, a epopeia anónima da *História Trágico-Marítima* e as cartas da freira de Beja, teem um lugar de honra na história da literatura universal.

Ser-me-ia permitido, também, fora do âmbito demarcado, esboçar o transcurso imponente, num cortejo de deslumbrante grandeza, de tôdas as narrativas históricas e marítimas, ligando-as aos grandes nomes da ciência náutica e astronómica do século XVI, aos botânicos, aos investigadores da natureza e do espírito, aos geógrafos, aos moralistas, aos homens *em quem poder não teve a morte*, e que sulcaram, material e espiritualmente, tôdas as terras da Terra, todos os oceanos do globo, e contribuíram assim para que Copérnico e Galileu quebrassem as esferas cristalinas da velha concepção cosmogónica. E seria o momento de salientar como, principalmente nos últimos trinta anos, se aniquilou, com os estudos, entre outros, de Bensaúde, Manuel Bento de Sousa, Luciano Pereira da Silva, António Sérgio e Jaime Cortesão, a lenda enervante e falsíssima das

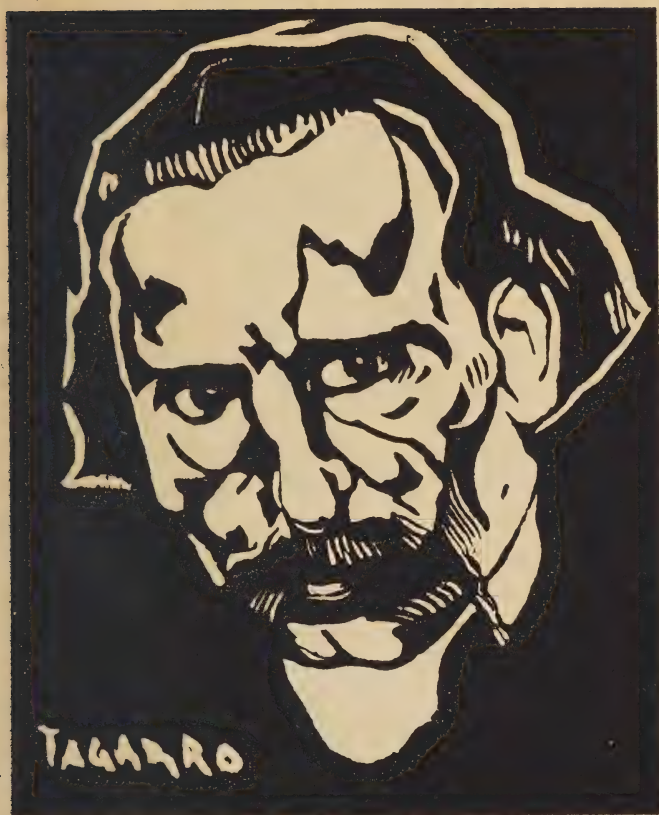


aventureiras empresas ultramarinas, verificando-se, nestes trabalhos de investigação e interpretação históricas, que onde se pusera a aventura estivera

a ponderação, onde se notara a improvização se dera a preparação minuciosa, onde se fantasiara o sonho se vincara a submissão inflexível às exigências da realidade. Dessa labuta espiritual de tantos homens de boa-vontade, sai engrandecida e não apoucada a estupenda tarefa que coube a Portugal na história do mundo e que elle tão gloriosamente partilhou com a grande Espanha.

¿E se lhes recordasse o veio borbulhante e sempre vivo da nossa poesia lirica? ¿o encanto dos poetas e dos prosadores bilingues, como Gil Vicente, Camões e Francisco Manuel de Melo? ¿O teatro de mestre Gil, sobretudo, traço de união entre os mistérios e farsas medievais, a floração maravilhosa do vosso teatro clássico e a comédia molièresca? ¿Se tentasse dizer a riqueza da novela e do romance? ¿A graça, o chiste, a ironia, o sarcasmo, o vigor, da literatura satirica e panfletária? ¿E recordar, com reconhecida admiração, a paciente labuta dos gramáticos, dos filólogos, de Barros e Fernão de Oliveira até José Leite de Vasconcelos?

Daria, só por si, o assunto duma longa conferência, falar-vos da actividade scientifica e erudita das Academias e das Faculdades universitárias, as suas monografias exaustivas, as suas publicações periódicas, revistas e anais em que se acumulam prodigiosos tesouros de investigação e saber, e onde mais tarde, muitas vezes, os vigorosos espiritos criadores virão buscar as bases sólidas para doutrinas e teorias renovadoras. As três Universidades portuguezas, a Academia



das Ciências de Lisboa, o Instituto e a Imprensa da Universidade de Coimbra, sob a direcção proficientíssima do Dr. Joaquim de Carvalho, teriam um lugar de relêvo nessa enumeração honrosa.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, o Dr. José Maria Rodrigues, na cadeira de estudos camoneanos, e Manuel de Sousa Pinto, na cadeira de Estudos Brasileiros, marcam inteligentemente o traço

de união entre Portugal e Brasil, onde a nossa língua terá, de-certo, nos séculos mais próximos, um futuro de ilimitada grandeza. E vem a propósito citar a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, belo monumento de erudição e patriotismo, dirigido pelo ilustre escritor Carlos Malheiro-Dias. E, citando esta obra de grande envergadura, é justo destacar ainda a *História de Portugal*, em publicação, dirigida por Damião Peres, e a *História da Literatura Portuguesa*, coordenada por Albino Forjaz de Sampaio, e de que saíram já alguns fascículos.

Seria igualmente interessante analisar as audácias bizarras dos livros e revistas dos escritores moderníssimos, e procurar, com uma simpatia compreensiva, por entre o joio da vacuidade extravagante, o trigo doirado das novas searas, que nos darão as obras perduráveis de amanhã. Nas tentativas dos últimos anos é justo citar a *Contemporânea*, revista a que o gosto excepcional de José Pacheco deu os mais surpreendentes encantos de beleza gráfica, e em que se afirmaram, entre outros, o talento doutrinário de Fernando Pessoa, o malogrado Mário de Sá Carneiro e o lápis e a verve humorística de Almada.

Limitar-me hei, porém, com vos disse, ao primeiro quartel do século xx, demorando-me um pouco mais a caracterizar três ou quatro figuras muito representativas. Poderia fazer uma enumeração fastidiosa dos contemporâneos, gente nova



TAGARRO

e mestres encanecidos. Mas de que serviria citar-vos secamente cinquenta ou cem nomes?

O teatro regional contemporâneo tem cultivadores notáveis em Ladislau Patrício, Samuel Maia e Carlos Selvagem; o teatro histórico, em Júlio Dantas, Francisco Lage, Jaime Cortesão e João Correia de Oliveira; o teatro de temas modernos, psicológico e realista, em Vitoriano Braga, Ramada Curto e Alfredo Cortês.

Na literatura da Grande Guerra, a-par-de alguns documentários valiosos, ocupam um lugar primacial Augusto Casimiro, Jaime Cortesão e Pina de Morais.

A coorte dos líricos é numerosíssima. Guedes Teixeira, poeta extraordinário, contemporâneo do grande António Nobre e como ele trespasado das mais angustiosas melancolias, mergulha a pena, embebida de lágrimas, no coração sangrento. Mário Beirão, Américo Durão e Gomes Ferreira levaram ao mais alto grau expressivo o que há de beleza no saudosismo. Ferreira Monteiro e Nunes Claro teem uma feição original, na sua inspiração anteriana. António Boto é um modernista e decadente, do mais alto valor. Augusto Casimiro, poeta-soldado, exalta-se no frémito religioso dum patriotismo ardente. Afonso Lopes Vieira, paladino das virtudes lusíadas, restaurador das obras-primas desfiguradas pelo tempo, junta numa admiração comum Camões, Heine e João de Deus. Augusto Gil repassa dum delicioso sabor popular as suas sátiras e elegias. António Correia de Oliveira trova com uma deliciosa e ingénua

emoção popular. Afonso Duarte intelectualiza subtilmente as emoções delicadas. João de Barros reflecte nos seus versos a prodigiosa alegria de viver. Virgínia Vitorino criou, nos *Namorados*, o livro de cabeceira de todos os amorosos portugueses. Marta de Mesquita da Câmara lembra, nalguns poemas arrebatados, a violência dos estos de amor de Mariana Alcoforado. Alberto Osório de Castro, gloriosamente saudado por Rúben Dario, buscou, como Wenceslau de Moraes e Camilo Pessanha, no remoto Oriente, imagens e ritmos de peregrina beleza, sem que nos seus versos se desvanecesse a linguagem, a luz e a côr da Beira natal. Cortesão celebrou, em versos admiráveis, a *Glória Humilde*. E Cândido Guerreiro cantou o Algarve e a mulher, erguendo-se por vezes à emoção filosófica dos *Sonetos* de Antero.

Na prosa, Wenceslau de Moraes, émulo de Loti e de Lafcádio Hearn, evocou o Japão, as grandezas do seu passado, o exotismo da sua arte, a atraente feitiçaria das suas *musumés*, em livros cuja perfeição de forma se irmana à mais requintada ternura. Teixeira-Gomes e António Patrício, almas soberanamente d'annunzianas, recamam de sumptuosas galas a sonora linguagem que os quinhentistas revigoraram no banho lustral do latim clássico. Jaime de Magalhães Lima prossegue infatigavelmente na sua bela obra de moralização e evangelização tolstoiana. Gastão Souza Dias, na *África Portentosa*, ergueu um notável padrão da literatura colonial. Júlio Dantas, talento maleável e hábil de polígrafo muito acessível ao vulgo, tro-



ca, na moeda corrente das crónicas e contarelos elegantes, a possibilidade duma obra de maior fôlego. Manuel Ribeiro é muito lido, pela tintura

de misticismo que dá aos seus romances. O subtil Nemésio debruça-se da *Varanda de Pilatos*. Silva-Gayo é um distintíssimo crítico, contista e poeta. Reinaldo dos Santos, na esteira de trabalhos de crítica de arte, que vêm de Joaquim de Vasconcelos até José de Figueiredo, enriquece a bibliografia nacional com monografias valiosíssimas, como o estudo sôbre a *Tôrre de Belem* e as *Tapeçarias de Pastrana*. Êle ainda, e sobretudo Raúl Proença — o grande jornalista e panfletário, renovador do idealismo republicano — no *Guia de Portugal*, de que estão publicados dois volumes, realizam, com a colaboração dos maiores escritores portugueses, um monumento literário e artístico, obra de moderno e clarividente patriotismo, que ficará como um dos mais honrosos padrões da geração actual.

Vieira de Almeida, poeta, dramaturgo, espirito lucidíssimo de filósofo e de crítico, compõe as suas obras no maior alheamento de grupos e de seitas.

Veiga Simões tem desperdiçado, nas fadigas da vida diplomática, as qualidades excepcionais reveladas logo em *Nitocris* e no seu elegiaco volume de memórias coimbrãs.

Leonardo Coimbra, orador magnífico mesmo nos seus livros, reveste duma fulgente espuma literária os mais áridos problemas da filosofia.

Os *Ensaíos* de António Sérgio teem já hoje um lugar primacial na nossa escassa literatura de ideas. Na *Novela do Amor Humilde*, de Norberto de Araujo, há um travo camiliano e um delicado veio de ternura. Beires escreveu uma



página soberba — o vôo nocturno sôbre o Atlântico. Citarei ainda Alfredo Mesquita, David Lopes, J. Lúcio de Azevedo, Jaime Batalha Reis, António Arroio, Brito Camacho, João Barreira, Justino de Montalvão, Matos Sequeira, Alves Martins, António de Seves, Branca de Gonta Colaço, Ana de Castro Osório, Irene Lisboa, Bento Mântua, Faria de Vasconcelos, Vergílio Correia, Coelho de Carvalho, Carlos Amaro, Henrique Trindade Coelho, Bourbon e Meneses, Alberto de Oliveira, Hipólito Raposo, Manuel Múrias, Agostinho de Campos, Antero de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Ferreira de Castro, Julião Quintinha...

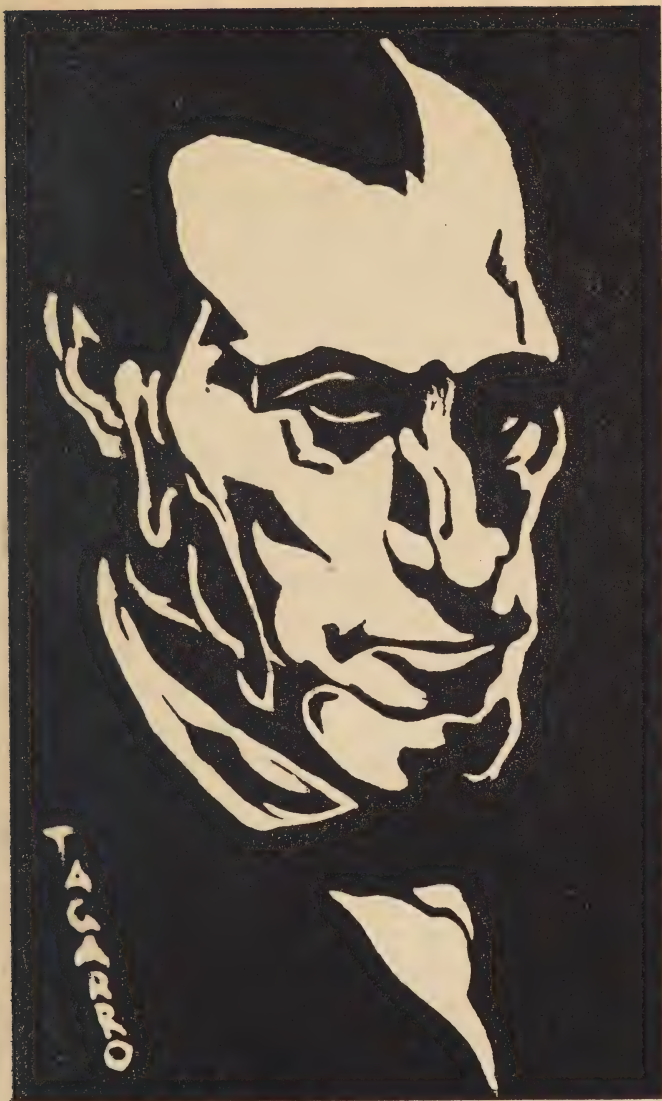
Mas quantos nomes ilustres eu esqueço, involuntariamente, não tendo, no entanto, que lhes pedir perdão, porque a voz que celebra os escritores da minha terra só vale, de momento, pelo lugar onde falo e pelo auditório que me escuta.

Disse Teixeira de Pascoaes, no *Verbo Escuro*: «Cantei porque me perdi nas trevas...» Esse verbo obscuro não é acessível à multidão. De-certo, não há neste poeta a grandeza de pensamento dum Dante ou dum Camões; mas o terror na alma simples dum serrano do Marão, pàvidamente deslumbrado perante Deus e a Natureza, atinge em seus versos bem perduráveis formas. Êle viu Jeová na sarça da montanha. A voz das linfas, dos arbustos e das rochas ecoa cristalinamente na sua frauta rude. A célebre *Elegia do Amor* é uma das mais belas poesias da literatura portu-

guesa, tão excepcionalmente grande no lirismo. Teve, na literatura, o sonho ingénuo de juntar Vénus e a Virgem-Maria, como uma rapariga do povo liga inconscientemente, em suas crenças, as práticas pagãs ao catolicismo rústico. Um dia foi até Londres, empós o coração, e, dessa metrópole monstruosa de grandeza, além dum poema admirável, trouxe, para a horta paterna, uma tesoura de podar.

Raúl Brandão, de olhos azuis marinhos e sonhadores, nasceu junto ao Oceano, na Foz do Douro, perto de Carreiros. Em Espanha é sobretudo conhecido o seu extraordinário livro *Os Pobres*. Há, no seu estilo, fosforescências de fogos fátuos, uma luz confrangedora de eclipse, luar azul nocturno, tons esverdinhados e cinzentos, como nas telas de Columbano. Nunca sentiu as alegrias da vida e, se as sentiu, nunca as pôde transmitir à sua arte. É um escritor irregular e sublime. Durante muito tempo ronda-se em volta da sua obra, que não vive de europeis literários. Um dia abismamo-nos nela, como numa cripta, e trazemos de lá o deslumbramento e o horror do Florentino, quando emergeia do Inferno.

É um artista de génio, que odeia o pitoresco, a pacotilha, a *blague*. Ama, com infinita ternura, as suas personagens. Quanto mais ascorosas, mais envilecidas, mais amachucadas pela vida e pelo seu semelhante, mais as acarinha e espiritualiza.



Escreveu a epopeia das misérias, da dor, dos vencidos, dos oprimidos, dos que morrem de fome ou por uma insaciada sede de ternura. Os seus ladrões, as suas prostitutas, o filósofo e o « Gebo » d'*Os Pobres*, nada tem de repugnantes; pelo sofrimento e pela fatalidade, ascendem a uma beatitude que não é talvez puramente cristã, mas poderia exprimir-se, sem irreverência chocante, nas iluminuras dum *Flos Sanctorum*. Sofrem, são crueis ou martirizados, por uma espécie de predestinação. Hediondos, a dor os engrandece e purifica, sem os desfigurar. Nas suas criações de asceta não há o mais leve arrepio de sensualidade. Desenha os perfis das meretrizes com o realismo de Zola e a castidade de Fra Angélico. Arrasta-nos, na via sacra do sofrimento, ao lupanar mais sórdido, à promiscuidade de bandidos, soldados e mulheres perdidas, e não ouvimos um riso canalha, uma frase debochada, um palavrão, um comentário lascivo, e, entretanto, o realismo dessas figuras é flagrante, embora tocado de sonho. A espiritualização da realidade, em tão alto grau, só a dá o génio. N'*Os Pobres*, por exemplo, os capítulos *A Morte* e *Noite de Natal* são das páginas mais dilacerantes que se podem ler em qualquer literatura; há nelas a suprema beleza com que Dostoievski, Tolstoi e Gorki immortalizaram as agonias humanas.

Não é só o sofrimento mais vivo que o atrai. O musgo do tédio, a lepra senil das existências vegetativas, o lento caruncho das almas mediócras e solitárias, encontram nele um cronista extravagante. Adora essas criaturas cuja vida é um bo-

cejo e que levam para a sepultura um rosário de ilusões recalçadas e de *tics* ridículos. Tem a predilecção dos excêntricos, dos grotescos, dos deformados, dos chasqueados. Agrada infinitamente, à sua natureza de tímido e de idealista, fazer-nos conhecer um maniaco, um aleijado, um palhaço, um bobo da crueldade e da boçalidade dos homens, para nos descobrir, repentinamente, neles, almas relumbrantes de estrélas.

Uma das características mais interessantes da sua arte é a universalidade. Lemos, por exemplo, *Os Pobres*, e ficamos ignorando a origem nacional ou étnica das personagens e o local onde se desenrola a acção dramática. Lisboa? Madrid? Paris? Londres? S. Petersburgo? Nova-York? —ia quasi a dizer: Shangai ou Pekin? Ignoramo-lo. Há o Prédio, o Hospital, a Cidade, a Floresta, entidades alucinadas e incoerentes.

Em alguns dos seus livros, a própria matéria, inerte na aparência, se agita num vago sonho e tem uma voz, que não ouvimos, pela imperfeição da nossa sensibilidade.

O seu teatro é cheio de humanidade, correndo a escala de tôdas as dôres e de tôdas as alegrias, da tragédia do *Gebo e a Sombra* à farsa formidável do *Doido e a Morte*.

Escreveu história e escreveu memórias. Duma e das outras fez ainda obras de arte. Uma noite, na Casa do Alto, como lhe chama Teixeira de Pascoaes, perto de Guimarães, éramos quatro a conversar com o autor de *El-Rei Junot*, na vasta quadra, de paredes fortes, onde trabalha,



nos nevões e no silêncio dos invernos. Não luzia, no céu, luar ou constelação. Uma claridade frouxa adormentava, pelos recantos, boqueirões de treva, em que se comprazia o borboletear incerto dos nossos devaneios. Raúl Brandão mostrara-nos manuscritos, falara-nos de projectos, obras a realizar. Comentaram-se figuras de ontem e de hoje, dissemos todos a nossa admiração pelo grande Herculano, trouxeram-se à baila políticos, homens de letras, artistas. Ele passeava, dum lado para o outro, em passos graves, um pouco curvado; e a sua sombra, perdida pelas paredes e o tecto, avultava por vezes, estranhamente. Então, com uma voz quasi sumida, quasi em monólogo interior, ouvimo-lo murmurar: — « ¡ Eu já não sei julgar os homens! Já não sei julgar os homens! »

Talvez nunca soubesse, nem nunca saberá, porventura, julgá-los. O que elle chama o seu « bolchevismo sentimental », e a sua imaginação alucinada, o entusiasmo por um documento, uma carta, uma frase, uma palavra, uma simples interjeição — não lhe permitem mergulhar no passado, com os petrechos dos historiadores académicos — de escafandro e campainha de alarme no aparelho crítico. Escreve com os erros da sua paixão, da sua parcialidade comovida, dos seus nervos combalidos. É interessante vê-lo tomar apontamentos para as *Memórias*: um dito, uma anedota, um boato — regista-os logo, sem os joear na peneira de Clio. Por isso as suas *Memórias* são um livro maravilhoso e pouco exacto. Certas silhuetas lembram Saint-Simon; mas o

duque do grande século não tinha a alma dum bom poveiro, orvalhada de piedade. Os quadros não serão muitas vezes impecáveis e magistrais. Êsses primeiros volumes das *Memórias* dão-nos, contudo, como poucas obras, o vozear indeciso, apaixonado, mexeriqueiro, atraente, duma época bem singular.

Ao ler os seus livros, concordamos, na verdade, que os optimistas são uns grandes tolos, ou uns grandes egoistas.

No entanto, o amor equilibrado das ideas e dos sentimentos, e talvez o nosso instinto, revoltam-se contra a attitude monòtonamente dolorida e alucinada, do grande artista, perante a vida e a morte. Os seus próprios livros, tão belos, ¿ não serão motivos de consolação e alegria? Consolemo-nos ainda com a sofrível resignação dum outro grande pessimista, Maupassant, concluindo, com mediana razão, no final dum dos seus melhores romances, que a existência não é, a final, nem tão boa, nem tão má, como a supomos de comêço.

Mas como se contentará com semelhante aforismo, no fundo tão banal, o homem de cujo coração sangraram, numa hora de remorso redentor, estas palavras, dignas dos Evangelhos: — « Há dias em que nos sentimos responsáveis por todo o mal que se faz na terra » ?

O primeiro livro de Aquilino Ribeiro, *Jardim das Tormentas*, cáldo, realçado de flores rutilantes, fragante de perfumes e voluptuosidade, de

eflúvios da terra e harmonias do céu; sagrou-o, na prosa, o Príncipe da Mocidade. Estreava-se maravilhosamente na novela antiga, em lendas ingênuas e amorosas, traçando o perfil mordente duma parisiense, architectando o futuro sôbre os destroços dum dilúvio, anotando uma perversão eclesiástica e, sobretudo, esboçando quatro soberbos estudos da vida campestre.

Esse grande evocador conhece os violentos contrastes da vida. À elegância scéptica e à desdenhosa indiferença política das gerações de há trinta e quarenta anos, sucederam, na arena do *forum*, gerações que, perante as instituições caducas, passaram do sorriso que despreza à agressão que deruba. Há vinte anos, como agora, e também por razões de ordem política, exilou-se por longo tempo em Paris. A grande cidade tem, sôbre as almas artistas, uma influência delicada, que afina a sensibilidade e dá uma vibração mais requintada e alta, às emoções e às imagens.

Paris é sobretudo admirável pela nobre e antiga perfeição da sua beleza, tendo o encanto das velhas cidades, com a melancolia de certos crepúsculos evocadores, do entardecer brumoso e triste de certos dias, quando o passado acode à memória com a serena formosura das lendas e tradições. Mais do que em qualquer outra cidade, se pode sentir em Paris a violência dos maiores contrastes. Sair do tumulto banal dos grandes bulevares, atravessar o Sena e entrar no remanso, na silenciosa placidez do Bairro Latino, visitando as igrejas vetustas e

errando pelos meandros das ruas medievais; ler, pela manhã, no *Temps*, um grave artigo conservador e, à noite, num bairro popular, ouvir um discípulo de Sebastião Faure sobre anarquismo; escutar um dia as canções eróticas e revolucionárias duma taberna literária, e no dia seguinte a voz puríssima de Bartet; visitar museus, seguir cursos na Sorbonne, viver a mais variada, a mais impressionante existência de prazer e de estudo, com os múltiplos aspectos duma civilização ao mesmo tempo muito antiga e muito moderna, — tudo isto dá ao espírito uma maleabilidade inteligente, uma compreensão mais perfeita dos homens, das suas acções, dos seus interesses, das suas alegrias e das suas dores. Os problemas e aspirações da vida contemporânea, assim como as mais subtis impressões de arte, insinuam-se, concebendo um vago estado de alma, muito liberto da vulgaridade.

No *Jardim das Tormentas* e nas *Filhas de Babilónia*, há esbocetos leves de Paris, recantos da cidade, a orquestração argentina ou clamorosa dos sinos que circundam o Pantéon, aguarelas rápidas, caricaturas fugidias e uma maneira sóbria de tracejar os cenários desbotados e as comédias facêtas do amor e do egoísmo. É de vêr como ensaia, com donaire e subtileza, a maneira popular das tradições cavalheirescas, tão fascinante para os próprios espíritos scépticos, embrenhando-nos nas narrativas floridas da heroicidade e do amor, alternando a maravilha dos contos infantis com a magia grácil de antanho.



Nos contos regionais, ergue-se, por vezes, a um estranho lirismo de epopeia campestre. Recordamos o « gesto augusto » do sementeiro de Hugo, ao anoitecer, quando o crepúsculo espalha, nas planuras e nas concavidades das gargantas e vales, o alarme dos vagos pavores e das indecisas melancolias. Há, nos trabalhos monótonos da lavoura, no eterno rodar das estações, na faina humilde das lavras sementeiras e colheitas, uma pacífica grandeza, uma resignação infinita, um submisso acatamento pelo destino que pesa sobre os homens. Em certos momentos, a labuta, que prende o camponês ao sulco da charrua, parece irmaná-lo a esses seres lendários gerados toscamente no ventre da terra, e tendo, na enrugada e crêspa figura, uma augusta e dominadora rudeza. Verga-os a idade e torce-os, como as cêpas coleantes. As mãos endurecem-lhes como calhaus. E os seus cabelos parecem branqueados, vida fora, pelo pó das estradas percorridas. Sentenciosos e graves, eles têm, quâsi sempre, na voz e no olhar, uma benigna humildade.

E, contudo, medram, na sua existência vegetativa, paixões e interêsses tenazes. Sentem, pela terra, um mixto de amor e de ganância. Há, nos seus cuidados e tarefas, uma obstinação tacanha e uma ânsia de lucro, uma preocupação do pecúlio, justificadas pelos continuos rebates da pobreza. As suas figuras realçam, sobretudo, nas horas de trabalho, dignificadas por êle, harmoniosamente enquadradas na abundância das leiras ou na esterilidade pardacenta dos montados sem cultivo. Na

vida caseira, no bater língua com os vizinhos, nos ralhos e no pão a dar aos filhos, nas devoções do catolicismo pagão, nos mexericos do soalheiro, nas rixas, nas intrigas, no respeito suspicioso e servil pelos proprietários e pelas autoridades, êles desmancham-se já numa linha caricatural; mas, mesmo assim, as suas misérias e até os seus ridículos têm uma enigmática e formidável magestade.

Nos melhores contos regionais, Aquilino Ribeiro dignificou, sem disfarçar nem enfeitar, a grosseira animalidade dos humildes, engrandecendo, até às delicadezas do sentimento mais doloroso, os sofrimentos e as umbrosas emoções dos irracionais. Sem roçar pelas degradações de Zola na *Terra*, nem embonecar as personagens como Júlio Denis, há, nesse primeiro livro de contos, uma mal contida impassibilidade, uma simpatia oculta, que raras vezes transparece, por exemplo, nos contos regionais de Maupassant. O enternecimento angustioso dos russos, de Dostoievski, sobretudo, dá uma tonalidade de alucinação a certas páginas do *Jardim das Tormentas*, em que se espraia, no entanto, continuamente, uma suave claridade meridional.

Nas *Terras do Demo*, porém, pôs, em torno da aldeia natal, uma grade de jardim zoológico. Nela pulula uma fauna inquietante e imunda, da larva ao chacal. Não arma danças, nos terreiros, a um luar de sonho, nem tange elegiacamente, às Avé-Marias, os sinos do campanário. Os camponeses desse livro são duma animalidade grosseira, sem vislumbre espiritual, scentelha de altruísmo,

de alma tão encodeada como os calos das suas mãos. O curioso tipo de João Bispo é uma espécie de símbolo dos seres que a terra gerou em hora aziaga, argamassados de calhau e lôdo. Vincou-lhes, com verve diabólica, as taras e degradações.

Na *Via Sinuosa*, roteiro incerto duma alma vãdia, livro de memórias e pórtico imponente duma trilogia inacabada, em que as figuras aldeãs se esfumam no mesmo negrume implacável, entre a comparsaria rústica, bisonha e alvar, realça a esbelta Celidónia, pé descalço, rosal fragante e mimoso, de quem Libório se despede, para assistir à derrocada da monarquia e a um episódio da Grande Guerra.

Aquilino Ribeiro é um estupendo paisagista. Os compiladores de antologias forrageam-lhe já na obra, como na dum Vieira ou Luís de Sousa. É hoje clássica, entre outras páginas, a caçada às rôlas, na *Via Sinuosa*. O escritor leva à maior acuidade o poder dos sentidos. Olhar a que não se esquivam as mil facetas coloridas da vida; olfacto subtil de citadino e de aldeão, irmanado ao da raposa arteira; ouvido em que estremece o mais leve bafo da aragem; tacto que, a um tempo, sente o calor materno do húmus original, e se apercebe dos mais ténues arrepios da sensibilidade; paladar que prova, com igual deleite, a broa da Seitosa e as iguarias de Brillat-Savarin.

Este forte escritor não é muito querido pelas mulheres. No seu estilo há a solidez do rígido diamante e a côr do rubi sangrento, da esmeralda translúcida, da ametista bruxuleante, do topázio

solar, da dura cornalina,—mas as leitoras desejariam ver, mais vezes, nos olhos de águia ovante brilhar o clarão trémulo duma lágrima furtiva...

E, para fechar este superficial arremêdo de conferência, algumas breves notas sôbre Eugénio de Castro, cujo perfil aristocrático Madrid conhece e que Bagaria surpreendeu com tão rara felicidade.

Dormiram, no seu leito espiritual, as mais célebres e mais belas mulheres do mundo. Não têm segredos, para êle, os corpos e as almas de Belkiss, de Esther, de Cleópatra, de Salomé e das lindas heteras de Atenas, de Lesbos e de Roma. Não cantou Eva, porque a fôlha de parra paradisíaca não satisfaz as suas exigências de indumentária artística. Coroou, com as flores do martírio, a fronte pálida de Constança, para fugir à banalidade clássica das elegias a Inês. Num dia de chuva, disse os tormentos de Salmácis, e do filho de Hermes e Afrodite, unidos no mesmo corpo de efebo e de donzela. Ainda moço, foi pedir aos choupos e à trança de água do Mondego, os electuários e os bálsamos para as doloridas recordações da Capital funesta.

Por êle e para êle, fulgem as gemas mais raras e milhões de escravos arrancaram às ostras doentes as pérolas translúcidas, ou desenterraram das minas os crisólitos, os crisoprasos e os criso-



beris, os diamantes, os jacintos, os rubis e as ametistas episcopais.

Por êle e para êle, milhões de rosas fundem as ténues almas de flores numa só gota de essência; ardem, em cassoletas rendilhadas, os perfumes da Arábia Feliz; evolvem seus arômas o âmbar, o cinamomo, o nardo e a mirra; se filtram e coalham os ungüentos orientais, em que as concubinas dos homens e dos deuses maceram subtilmente, nos corpos astrais, as mais recônditas e enebriantes dádivas de Afrodite.

Por êle e para êle, o desferir dos harpejos eólicos, a ressonância grave dos órgãos e das trompas, o zumbido dolente das cítaras e dos arrabís, o som estrídulo dos crotalos, o rufar dos sistros e atambores, o entrechocar dos címbalos, a modulação lenta das avenas, se misturam ao canto das aves, nos concertos harmoniosos da terra.

Por êle e para êle, as árvores genealógicas desdobram suas fulgentes fôlhas brazonadas, onde a púrpura e o oiro, em esbatidos suaves de iluminação, contam, a nobres e plebeus, as ascendências e puras linhagens afonsinas e leoninas, onde bebeu suas seivas a raça altiva do Poeta.

Nunca entrou na concorrida Estação da Vulgaridade; entreteceu, nos dedos finos de filho de algo, silvas esotéricas que, destinadas a raros apenas, picavam a epiderme scandalizada de muitos. Dos gritantes e fulgentes *Oaristos*, aos alvos Paros dos melhores poemas, foi depurando o engenho deslumbrante, onde pousaram, como nos lábios de Anacreonte, Horácio e Catulo, as

abelhas do Himeto. Rimas, ritmos, imagens, pureza de forma, estos da fantasia, dão ao seu estilo um scintilar de dalmática, nas missas solenes da Arte — quantas vezes pecaminosas missas negras!

Nas últimas obras, dir-se-ia que as Musas pretendem furtar-se ao tálamo sumptuoso do Poeta. Talvez que este grande mago das «silenciosas orgias» do espírito se torne, nos derradeiros anos da vida, um grande cultor da prosa de Frei Luís de Sousa e do inocente Bernardes. Vê-lo hemos, porventura, fechar o ciclo dos seus trabalhos com um livro de Memórias, castiço e académico, a que vá misturando as maliciosas reticências de um ou outro honesto conto de Bocácio... E, no entanto, mesmo nestes, não se esquecerá nunca de inscrever, catòlicamente, o piissimo *Laus Deo*.

DUMA CARTA
DE
TEIXEIRA-GOMES

"...Chegaram-me juntos, há três dias, os dois números da Seara que dão a sua conferência de Madrid, na qual, com embasbacada surpresa, encontrei a referência que me dispensa. Tão habituado eu ando à idea da minha inexistência literária, que semelhante chamada, e nas bancadas da actualidade, me fêz estremecer, como cadáver restituído á vida. E então logo emparceirado com o António Patrício, cuja arte eu ponho acima de tudo, precisamente por êsses garbos de linguagem, que o meu amigo assinala, e ainda pela nobilíssima aspiração de a galvanizar, renovando velhas fórmulas. Horácio dizia de certos vocábulos obsoletos: « que resuscitavam com proveito para a língua » (Multa renascentur, quae jam cecidere). O mesmo se applica aos sentimentos e fantasias dos antigos, que, através da floresta dos seus mitos, podem renascer, radiantes de mocidade, só que lhes toque o reflexo de alguma alma genuinamente poética e moderna. Falo do Patrício, não de mim. Mas da analogia me ufano. Não lhe fica, assim, bem patente o meu reconhecimento ?

Lida a conferência é que me ocorreu o alcance, o risco, o denodo, que tal empreendimento repre-

sentou. Foi atirar-se de cabeça a um presumido cortiço de abelhas, onde se não topam senão vespas. Ai, os poetas! mesmo os minoríssimos, tão acostumados a que lhes atarrachem o resplendor do génio no toutiço, e agora postos na justa escala dos seus valores; e outros esquecidos! Tratou-os, no entanto, com êsse espírito de tolerância que se chama « a caridade da inteligência », mas que nestes lances morde na vaidade, mais fundo que a condenação injuriosa. E para avaliar os percalços da tarefa, até eu lhe não relevo o ter afastado a sombra de João de Deus, quando aludiu ao Antero e ao Gomes Leal. ¿ Quem é que reanimou o lirismo peninsular? Depois, o João de Deus foi conciso e evitou o verbalismo vão — escolhos sôbre os quais os poetas de fácil fluxo e os filósofos de vago ideologismo naufragam irremediavelmente... e maçadoramente.

Vêm depois os romancistas. Curioso género literário, o romance, não é verdade? que para o completo êxito quási que prescinde da literatura. (Note que eu estou longe dos que pensam que para atingir a perfeição na arte literária é indispensável apagar todo o vestígio de literatura — nem mesmo percebo o que isso possa significar.) A ausência do estilo, uma linguagem cursiva, nos romancistas, não os impede de revelar as suas qualidades narrativas, que prendem e mantêm desperta a curiosidade do leitor; talvez lhes seja até a mais própria e adequada. Romancista que burilasse o estilo, com desvelos de obra de arte, sem cercear o interesse episódico da sua obra, nem impedir a sua

difusão, creio que só houve um : o Flaubert. Daí vem que geralmente os leitores dos romances se recrutam na mocidade ingênua, nas mulheres, e sempre no público menos culto. Outros predicados, que não o estilo, lhes são essenciais. Já um crítico do século 17 (quando o género despontava), secretário da autora da Princesa de Clèves, afirmava que « se a verosimilhança falta a miúdo à História, ela é, no entanto, indispensável aos romances ». Com efeito, o leitor aceita o inverosímil logo que o considere « real », e não o admite naqueles produtos da imaginação, porque lhes prejudica a aparência de « realidade », que ali procura como excitante emotivo, ou como elemento de harmonia lógica. Mas isto é chá cansado e imperdoável radotage! Vamos aos nossos romancistas, e à sua conferência. Os dois sobre que ela versou foram escolhidos com o máximo acêrto. E são verdadeiramente duas extraordinárias figuras. O Raúl Brandão possui uma entonação bíblica de tal intensidade, que não será excessivo pressupôr-lhe no amago um Job represado e recalçado. É a visão trágica a pleno. O Aquilino, mais desigual e incerto, que, no desenvolvimento da sua obra, nunca nos diz se vai dançar um minuete na côrte, ou jogar o pau nas feiras, tem páginas de soberana beleza. São indubitavelmente, entre os vivos, os dois maiores romancistas da Península. E o estudo que o Câmara Reynolds dêles fêz é, sem favor nenhum, modelar. Mesmo o evidente carinho com que os trata, e a profunda, irresistível simpatia que lhe inspiram, em nada embotaram as suas faculdades de analista.

Resumindo : a sua destemida conferência mostrou que em Portugal se podia fazer « crítica », sem compadrio nem ódio. Será um início, ou catástrofe sem repetição ? Até aqui, mais facilmente do que nos outros países de intensa produção literária, se descriminavam logo, entre nós, os motivos pessoais que moviam os ataques violentos ou os elogios desmedidos, como nos casos de que o Camilo ou o Herculano foram vítimas. Mas essa conferência será a sua túnica de Nessus ; não o mata mas já o não larga ; nem a morte lha despirá ; e cada vez mais envenenada pela inveja e pelo ressentimento de todos aqueles que ali se julgavam mal colocados, ou, ainda peor, por quantos lá não figuram. . . »

00050742561



UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL